

# UMA ILUSÃO PERIGOSA

*Uma crise incontrolável e custosa no Irã ameaça o Oriente Médio e a ordem global, impulsionada por pressão externa, diplomacia bloqueada e distorção midiática: uma trajetória perigosa que poucos estão preparados para enfrentar.*

**Prof. Dr. Ghadir Golkarian\***



*Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.*

**A** medida em que a poeira da agitação interna no Irã baixou e a sociedade, apesar das queixas acumuladas, voltou a priorizar a preservação da integridade territorial, surgiram sinais preocupantes: uma intensificação da pressão externa, a distorção sistemática da realidade na mídia ocidental e um retorno à lógica do confronto direto na política dos Estados Unidos. Se não for controlada, essa trajetória ameaça não apenas o Irã, mas todo o Oriente Médio e até mesmo a frágil arquitetura da ordem global, empurrando-a para uma crise custosa e incontrolável.

O que está se desenrolando hoje em torno do Irã não é uma crise temporária nem meramente o resultado de hostilidades históricas entre Teerã e Washington. Em vez disso, é o resultado da convergência de três tendências perigosas: pressão

econômica sem precedentes, fechamento efetivo das vias diplomáticas e a construção de uma narrativa midiática direcionada, concebida para legitimar o confronto. A diminuição da agitação interna no Irã, ao contrário da imagem promovida por alguns veículos de comunicação ocidentais, não significa derrota da sociedade, nem o poder coercitivo avassalador do Estado, nem satisfação política. Em vez disso, reflete a racionalidade histórica de uma sociedade moldada pela memória de uma guerra de oito anos, pelo colapso de estados vizinhos e por repetidas intervenções estrangeiras, ciente de que a instabilidade invariavelmente cobra seu preço mais alto dos cidadãos comuns. O povo iraniano, acima de tudo, não está disposto a ver a ordem pública ruir ou a integridade territorial de seu país ser posta em risco.

No entanto, essa relativa calma social não implica coesão ou decisão estratégica no nível da governança. Nos círculos políticos de alto escalão do Irã, uma persistente confusão estratégica permanece evidente. Nem reformas estruturais significativas na política interna – capazes de reduzir a divisão entre Estado e sociedade – nem uma recalibração realista da política externa, visando atenuar o isolamento político e econômico, foram seriamente buscadas. Essa indecisão se desenrola sob um dos regimes de sanções mais complexos da história moderna. Essas sanções não funcionam mais meramente como instrumentos de pressão; elas evoluíram para mecanismos de erosão a longo prazo das capacidades econômicas, financeiras e até mesmo institucionais do Irã.

Os métodos tradicionais de contornar as sanções – desde redes financeiras informais até vendas de petróleo por meio de intermediários – tornaram-se bloqueados ou proibitivamente caros. Agravando a situação, há a quebra de confiança por parte de certos atores econômicos alinhados ao sistema, cuja falha em repatriar as receitas de exportação para o banco central elevou gradualmente as taxas de câmbio, comprometendo o bem-estar público e infligindo profundos danos estruturais tanto à economia quanto ao sistema político. Mesmo países que antes desempenhavam o papel de parceiros na “zona cinzenta” agora agem com maior cautela sob as sanções secundárias dos EUA. Nessas circunstâncias, o tempo não necessariamente joga a favor do Irã, e qualquer atraso na reavaliação da política apenas amplia os custos acumulados.

Nesse contexto, a presença militar dos EUA na região – e o envio do USS *Abraham Lincoln* para a área de responsabilidade do CENTCOM – transmite uma mensagem clara: a opção militar permanece firmemente sobre a mesa. Essa medida não apenas sinaliza determinação em relação a Teerã, mas também tranquiliza os aliados regionais e prepara a opinião pública global. A questão central, no entanto, é se essas manobras prenunciam uma guerra real ou constituem parte de uma estratégia mais ampla de pressão e guerra psicológica destinada a alterar o comportamento do Irã – ou mesmo sua estrutura política.

Um pilar fundamental dessa estratégia reside no papel da mídia ocidental tradicional na formação das percepções globais. Nos últimos dias, particularmente após os protestos no Irã, narrativas generalizadas acusaram as autoridades iranianas de usar agentes químicos, armas não convencionais e de realizar assassinatos em massa de manifestantes – muitas vezes sem investigações independentes, baseando-se em fontes duvidosas e figuras contraditórias. Esse padrão é historicamente familiar. Antes da invasão do Iraque, as alegações de armas de destruição em massa tornaram-se a pedra angular da legitimização da guerra. No Afeganistão, prevaleceram narrativas unilaterais de uma “guerra pela liberdade”. Na Venezuela, Nicolás Maduro foi rotulado de “chefão do narcotráfico”, a ponto de até mesmo discussões sobre seu sequestro pelos Estados Unidos se tornarem politicamente concebíveis. Em todos esses casos, a mídia funcionou não apenas como transmissora de informações, mas como componente integral da legitimidade intervencionista.

A continuidade dessa abordagem em relação ao Irã levanta sérias preocupações de que a opinião pública global esteja sendo mais uma vez condicionada a aceitar uma ação militar custosa. No entanto, uma guerra com o Irã seria muito mais complexa e destrutiva do que intervenções anteriores. O Irã não é um Estado que responderia a um ataque de forma confinada ou geograficamente limitada. A doutrina de dissuasão de Teerã se baseia na premissa de que qualquer ataque direto colocaria em risco os interesses dos EUA e de seus aliados em toda a região.

Nesse cenário, as bases militares americanas em países vizinhos – do Iraque e da Síria ao Golfo Pérsico – se tornariam alvos potenciais. Este não é apenas um desafio militar, mas um com profundas implicações econômicas e energéticas. Danos ou

mesmo interrupções temporárias em infraestruturas críticas, refinarias, portos, rotas de trânsito de energia e redes de transporte poderiam desencadear choques severos nos mercados globais de energia, com repercussões que se estenderiam rapidamente à Europa e à América Latina.

Nesse contexto, a Base Aérea de Incirlik, na Turquia, ocupa uma posição particularmente sensível. Como um dos centros logísticos mais importantes da OTAN na região, ela poderia se tornar um ponto focal em um conflito ampliado. A Turquia busca se apresentar como um ator equilibrado – expressando preocupação com a guerra e apelando para a desescalada – enquanto permanece parte integrante da OTAN e aliado estratégico de Washington. Mesmo a mera consideração de Incirlik como alvo potencial ressalta a realidade de que, em caso de guerra, nenhum ator permaneceria totalmente isolado.

O cenário mais alarmante surge se um conflito em larga escala enfraquecer severamente a segurança e a ordem social do Irã. Nesse caso, a ausência de uma oposição coerente se tornaria gritante. Não há uma liderança unificada no exterior nem um manifesto crível capaz de delinear um futuro alternativo viável. As experiências do Iraque, da Líbia e da Síria demonstram que o colapso de um sistema político sem uma alternativa legítima muitas vezes leva ao caos, à guerra civil e à intervenção estrangeira.

Nesse vazio, a fragmentação do Irã deixaria de ser uma hipótese puramente acadêmica. Um Irã enfraquecido e dividido pode parecer mais administrável para certos círculos de segurança ocidentais e regionais do que um Irã unificado. As consequências não se limitariam apenas ao Irã. Migração forçada, aumento da insegurança, aprofundamento das fissuras étnicas e o crescimento das economias informais envolveriam toda a região. Os Emirados Árabes Unidos e atores aliados – que há anos reivindicam as três ilhas iranianas de Grande Tunb, Pequena Tunb e Abu Musa – provavelmente aproveitariam a oportunidade para avançar em suas ambições territoriais, potencialmente explorando as tensões étnicas no Khuzistão. Simultaneamente, a falta de liderança poderia desencadear conflitos nas regiões do Azerbaijão, Curdistão, Sistão-Baluchistão e até mesmo Khorasan, com os estados vizinhos apoiando movimentos separatistas para atender aos seus próprios interesses. A história mostra que, em momentos de vazio de poder, os princípios

declarados muitas vezes cedem lugar a interesses nacionais diretos.

Para compreender as raízes mais profundas dessa crise, as ideias do realismo estrutural de Kenneth Waltz<sup>1</sup> são instrutivas. Da perspectiva de Waltz, o comportamento do Estado é impulsionado menos por intenções morais do que pela estrutura do sistema internacional e pela distribuição de poder. Consequentemente, as tensões entre EUA e Irã não podem ser reduzidas apenas a disputas bilaterais. Eles fazem parte do esforço mais amplo de Washington para preservar a ordem global de poder e impedir o surgimento de atores independentes em regiões estrategicamente vitais. O Irã – com sua posição geopolítica, recursos energéticos e política externa autônoma – ocupa um lugar problemático dentro dessa ordem. Os Estados Unidos buscam fragmentar o triângulo estratégico formado por China, Rússia e Irã, e as pressões atuais devem ser compreendidas dentro desse objetivo estratégico mais amplo.

Em última análise, a questão crucial não é se a crise atual é um blefe ou um prelúdio para a guerra, mas quais custos a continuação desse caminho imporá à região e ao mundo. A pressão máxima desprovida de um horizonte político crível aumenta o risco de deslizar para um conflito cujas consequências escapariam ao controle de todos os envolvidos. A história demonstra repetidamente que guerras iniciadas por meio de realidades distorcidas e legitimidade impulsionada pela mídia muitas vezes terminam com resultados para os quais ninguém está preparado.

---

\*Prof. Dr. Ghadir Golkarian, pesquisador e autor iraniano radicado na Turquia e no Chipre, nasceu em Tabriz, Irã, em 1964. É acadêmico especializado em Ciência Política, Literatura Oriental e Linguística. Atua como professor universitário em tempo integral de relações internacionais. Como analista político, escreveu artigos para sites da BBC, Euro News Persian, Cyprus News e Asr Azadi Online, entre outros. Suas áreas de especialização abrangem o programa nuclear do Irã, as relações Irã-Israel, literatura persa e turca e política do Oriente Médio.

1 Kenneth Neal Waltz foi professor da Universidade de Columbia e um importante estudioso de Relações Internacionais. Foi um dos fundadores do neorealismo ou realismo estrutural na teoria das Relações Internacionais.